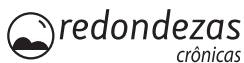


**Chá com Jeová,
café com Olorun**

Uarlen Becker

Chá com Jeova café com Olorun



EDITORA MULTIFOCO

Rio de Janeiro, 2016

Chá com Jeová, café com Olorun

Copyright © Uarlen Bcker

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores e autores.

EDIÇÃO Frodo Oliveira

REVISÃO Paulo Henrique Paiva Lima

CAPA E DIAGRAMAÇÃO Maira Spilack

IMPRESSÃO E ACABAMENTO Gráfica Multifoco

Chá com Jeová, café com Olorun

BECKER, Uarlen

1ª Edição

Novembro de 2016

ISBN: 978-85-5996-xxx-xx

Editora Multifoco

Flaneur Edição, Comunicação, Comércio e Produção Cultural LTDA.

Av. Henrique Valadares, 17b - Centro

20231-030 - Rio de Janeiro - RJ

Tel.:(21) 3958-8899

contato@editoramultifoco.com.br

www.editoramultifoco.com.br

Os mortos

Sentia-se sufocada e não conseguia chorar. O calor era tão forte que precisou abrir um botão da blusa. Sempre pudica, nunca ousara tanto. Era perceptível o odor das flores e das pessoas, perfumes adocicados misturados ao suor, cheiro de uma tristeza profunda. Aproximava-se do túmulo. Pela primeira vez em tantos anos faria aquilo. Ajeitou o cabelo e estufou o peito. Passou as mãos pela saia plissada que usara pela última vez havia quase vinte anos. Passou a língua nos lábios sequiosos. Pensou nos filhos já crescidos, nas vizinhas carolas, nos vizinhos cobiçosos. Limpou o suor da testa espalhando-o pelos cabelos.

O túmulo do marido estava próximo. Seu coração batera mais forte. Um homem muito velho cruzou seu caminho com um jarro antigo cheio de flores murchas. Clementina não gostava de flores, disse o velho, mas é tão estranho um túmulo sem flores, ainda mais no dia de hoje, completara. Que tinha ela a ver com suas questões? Não deu muita atenção. De súbito, o homem a puxou para trás da grande cruz de pedra. Beijaram-se com ardor sob o sol forte. O túmulo do marido era sua única referência naquele lugar. Desde que João se foi, era a primeira vez que estava com um homem. Sentiu seus músculos e sua barba rala roçar-lhe o pescoço. Revirou os olhos e sugou o ar com força pelas narinas. Percebeu a mão forte e nervosa descendo por suas nádegas e comprimindo-a contra o sexo. Sentiu uma excitação tão grande que imediatamente deu por si: estava viva. Seu marido ali embaixo, definitivo. “Ele não ouve e nem fala, é como essa estátua”, sussurrou o homem limpando o suor da testa

e olhando em volta. A estátua olhava os dois num misto de deleite e dor. Prazer e morte.

A mulher pendeu a cabeça para trás e olhou o céu: começara a chover. A língua quente e molhada do homem terminara o trajeto até sua orelha. Ela tomara o cuidado de tirar o brinco de pérolas falsas, pois fora dado de presente pelo falecido. A água levaria embora a sua tristeza agora defunta, daria de beber a seu marido morto e a seus pares. Lave minha alma, ela disse já completamente encharcada.

PROVA

E quando vi,

estava no imenso corredor de azulejos brancos. Encardidos. Por um momento senti uma vertigem, vontade de deitar o corpo no chão, fechar os olhos e fixar o pensamento em minha própria respiração. Representou-me estar correndo, mas na verdade eu caminhava lento, meu coração acelerado, batia tão forte que eu poderia dizer que ele iria explodir. Agora eu tenho a matéria do sonho, a partícula essencial de todos os meus medos, a face indizível daquele traço permanente de vida. Ou de morte.

Caminho lentamente por esse corredor que agora é mais cinza do que branco. Saio. Um clarão imenso. Uma chuva fina atrapalha minha visão. Não estava preparado para aquele momento. Agora estou findo. Pensei que nunca viveria para ver esse momento, para ter essa plena certeza. Fui atingido por uma bala certa. Seu objetivo era tanger minha alma, esse espectro profundamente imerso no caldo de uma existência opaca.

Ela me pareceu tranquila, afinal de contas reservara aquele espaço curto de tempo para mim. Nunca esperou por um jovem jornalista. Jamais perdera seu tempo com coisinha estúpidas e corriqueiras do dia a dia dos comuns, pensava eu ao deparar-me com uma criatura dantesca, dessas que se formam na mais espetacular das imaginações. Oh, Deus, que quero de mim? Como engulo essa saliva seca? Qualquer palavra seria um motejo. Se um olho piscasse seria um alento para a paralisia completa de meu corpo. O ardor das vistas me serve de prova e de consolo. Sento-me no degrau que dá para a entrada de um grande prédio de apartamentos. Não

olho para cima. As grandes formas altas sempre me oprimem. Tomo um único fôlego e me levanto, tremem minhas pernas e meus braços. Olho em derredor e vejo uma abundância de luzes, ouço sons estridentes e pessoas que mercam utensílios de bem estar comum. Olho para o céu e contemplo o grito vazio do tempo. Que corre. Que se acelera a cada dia.

Engulo a realidade a seco. Ela me queima a garganta. Não me ilude mais. Me oprime com o revestimento de sua pastosa indiferença. De sua cruel alucinação. Ou. A realidade não é composta de “ous”. Ela “é”. Esse “ou” deixo para os loucos. Para mim. Serei louco ou artista? Sendo louco posso propalar-me rapidamente aos mistérios da invisibilidade, de uma vã realidade. Sendo artista, posso me metamorfosear no ilusório de minha criação. Plausível. O mundo inventado cheio de “ous”. Será uma pintura ou uma escultura? A peça é realista ou expressionista? O livro é monótono ou inovador? Aquilo toca ou não toca? Chega ou não chega ao outro?

Isso que sinto agora não me serve. Porque não entendo. Curto o que não entendo, porque me inquieta e me desloca da posição em que estou. Gosto do que tenta me persuadir a tomar outra direção. Como agora. Seguro o caderno de anotações e o gravador como se fosse um tesouro maior do mundo. Não poderei enterrá-los. As pessoas passam por mim e eu me sinto superior a elas, pois tenho em mim um segredo. Não porque minha carne é superior, não, mas é que tenho um segredo, eu vejo além e isso se traduz como uma bênção ou uma maldição. Um segredo que conheci ao vê-la de perto, tão de perto como poucos. Trajada de vermelho, imensa de tão pequena. Não lembro a cor de sua pele, o brilho de seus olhos, o viço de sua pele. A velha senhora parecia

imóvel à espera do jornalista. Disse-me que estava nervosa, pois fazia muito tempo que não dava entrevistas. Cumpriria meu ofício e simplesmente me retiraria, sem asco, sem dor, sem opinião alguma. O apartamento cheirava a alfazema e da cozinha vinha um cheiro de banana cozida.

“Minha empregada está fazendo doce de banana, eu não devia comer, o médico me proibiu, mas o que é a vida sem seus pequenos prazeres?”, disse a grande atriz, como se me conhecesse.

“Sim, os pequenos prazeres”, eu disse abrindo o caderno de anotações.

E segundo após segundo. E minuto após minutos. E ao cabo de menos de três horas ela regurgitou sobre mim uma vida plasmada. Uma vida modelada nos princípios de não ter princípios, de se deixar viver. De se deixar. O permitir-se. O poder. O satisfazer a si e aos outros inteiramente. O brilho das varas de luz, das ribaltas para muitos inacessíveis. Não consegui me mover. Paulatinamente me transformara em uma estátua. Não conseguia me recostar. Estava fundido em minhas pernas. Meus braços fundidos ao lápis. O lápis fundido ao caderno de notas. E o caderno de notas fundido ao meu joelho e ao sofá recém reformado. Quantos anos ela teria? Não diz a ninguém. Poderia ter uns setenta anos, mas o fulgor de suas palavras e a lancinante ânsia de viver que decorria de seus olhos revelavam a pungente menina senhora que estava diante de mim. A vida me reservou esse gozo profissional. Quantos colegas na redação querariam estar em meu lugar? O furo de reportagem da grande atriz de teatro e cinema que saíra de seu emudecimento. “O raio de sol das artes brasileiras”, disse certa vez a matéria de jornal escrita

por um crítico famoso. E eu estava ali iniciando um seu retorno. O retorno da velha senhora.

Agora eu sei. Descanso em um velho banco de praça. A luz do dia está indo embora. Ao longe escuto uma velha canção, deve vir de um táxi à espera de um passageiro. Agora eu sei. A noite insiste e vencerá. É coisa certa. Preciso arrumar o que escrevi, a reportagem sairá depois de amanhã. Tenho a matéria. Que vontade de sorrir. Sorrir despudoradamente, me escancarar em um grande sorriso de estar. De ser e de estar. Quantas vezes na vida podemos ser e estar? Agora eu sei. Agora eu estou. Quem poderia saber além de mim? Não me tomo por corajoso para retornar lá e dizer que a beijaria com sabor de doce de banana. E que por ela tenho agora esse grande sentimento. Comum a todos de coração desprotegido. Ela não ficaria surpresa. A vida lhe reservou muitas. Olho para cima, para bem alto no firmamento. Não consigo atingir o ponto máximo. Um dia eu chego lá. A tontura me mantém imóvel. A boca seca me faz lembrar quem eu sou. Quem poderia adivinhar? Imoralidade, muitos diriam, ela uma senhora, eu um rapaz no começo da vida adulta. O que sinto por ela? Não ousou mencionar. É erótico de tão vibrante. É despudoradamente puro. É divino.

É o que chamam paixão.

Dia dos namorados

Todos os dias eu passava por ali e não percebera a placa com a inscrição aluga-se um quarto para solteiros. A freguesia era bondosa e generosa, nunca comprava menos que cinco litros de leite. Era um casarão antigo, cheio de portas e janelas pintadas de verde musgo. A placa parecia muito velha, a tinta preta descascada pelas intempéries do tempo.

“Já foi usada muitas vezes”, me disse o proprietário do casarão, um aposentado do Exército entrevado pela velhice. Uma senhora de cabelos completamente brancos surgiu por trás dele e me olhou atentamente, acho que sua esposa. Depois não mais saiu do quarto, não se ouvia sua voz. Ao lado da velha casa uma construção recente, um prédio de dois andares pintado de branco, portas e janelas de alumínio, sempre fechadas. Eu sabia que ali morava uma família soturna que praticava um ritual religioso secreto. Não era nem a maçonaria nem a Rosacruz, nem qualquer outra entidade filantrópica. Para poder arrumar meus pertences no novo quarto fiquei três dias sem vender leite aos vizinhos cortesês.

Fiz alguns reparos na biblioteca. O quarto era muito grande, com duas janelas que davam para o nascente. No assoalho reparei apenas um pequeno buraco e constatei logo na primeira noite que dali saía lacraias e escorpiões amarelos. Tapei o buraco com um chumaço grande de algodão embebido em querosene. Seu Percilino, o dono da casa, permitiu que eu usasse a antiga cama de casal que ele tinha deixado ali. Mas só me interessavam os livros e os discos antigos de Villa-Lobos e Bidu Sayão, que eu guardara cuidadosamente numa caixa metálica. Levei a antiga estante feita de caixotes

de frutas e arrumei rigorosamente os livros em ordem alfabética. Arrumei as revistas de filologia em uma escala monocromática em sentido vertical. Abri a janela e senti uma brisa quente abater-se contra mim. Na casa ao lado uma janela entreaberta onde se podia ver o banheiro, o box aberto, uma mulher tomando banho. Recuei, respirei fundo e olhei novamente; e lá estava ela, seus cabelos enormes passando da cintura, negros e volumosos. Podia ver as curvas que a água ensaboada fazia por seu corpo. Ela terminou, pegou uma toalha branca, enrolou-se e saiu.

“Vem tomar café conosco, Alzira não gosta de minha companhia”, pediu o velho Percilino me entregando uma xícara de café. Notei que algumas formigas lutavam para não morrer afogadas, tentando sair da xícara. Fiquei com nojo, sempre tive nojo de formigas, principalmente nos alimentos. Sentamos na ampla mesa e comemos cuscuz com café, pão e manteiga, quando eu quebrei o silêncio.

“Não mora ninguém nessa casa branca aí ao lado?”

Percilino cortava um pedaço de pão; fez uma pausa e depois olhou para a mulher, que se levantou e foi para o quarto.

“Não repare em Alzira, ela é assim mesmo, invocada”, ele falou tentando esconder seu visível constrangimento.

“O senhor conhece bem a vizinhança?”, perguntei.

“Antigamente era uma casa velha caindo aos pedaços, morava a família de um antigo amigo meu, o doutor Freitas.”

“Freitas?”, perguntei.

“Sim, doutor Freitas. Era um pediatra renomado, cheio de títulos e prêmios, na velhice passou a dar aulas numa faculdade. Clinicava duas vezes por semana gratuitamente para as pessoas pobres, tinha compaixão e gostava do que

fazia, tinha amor. Sua mulher tinha morrido num acidente de carro e ele ficou muito triste. Resumindo, sua única filha, Rachel, matou-se com uma dose cavalар de veneno. Na verdade, foram dois homicídios meu filho. A culpada é a irmã mais nova do Freitas, chamada Olívia. Era a única herdeira, eles não tinham outros parentes.

O Freitas era uma pessoa simples, morava aqui nesse bairro mas era um homem rico, cheio de casas alugadas, apartamentos, ações na bolsa... Ficou tudo provado, mas Olívia era noiva de um excelente advogado, com certificado de escrotidão, e com as leis canalhas feitas para beneficiar os ricos e criminosos, ela não ficou nem uma semana na prisão, e vive em regime aberto. “Que injustiça meu Deus do céu”, ele disse tomando fôlego e sorvendo um gole grande de leite.

“E depois?”, perguntei com maldosa curiosidade.

“Depois a assassina em posse da propriedade, reformou e vendeu o imóvel a essa família estranha que hoje aí vive, eles se trancam lá dentro e ninguém sabe o que fazem. A criminosa vive hoje no Rio de Janeiro, numa cobertura na Barra da Tijuca, desfrutando de tudo o que o Freitas construiu. Alzira me disse que o terreno é amaldiçoado, ela mora aqui há mais tempo que eu, que não acredito em superstições tolas.”

“Mas que elas existem, existem”, falei de brincadeira.

“Eu vou me deitar, estou cansado. Você não teria em seu quarto uma bebida forte?”

“Não senhor”, falei empurrando a xícara para o centro da mesa.

Fui para o quarto, tranquei cuidadosamente a porta, abri a janela e fiquei observando. Um homem alto e forte passava inquieto para um lado e outro. A jovem moça que eu vira

anteriormente também. Vi luzes piscando, parecia que uma enorme televisão estava ligada. Deitei na cama e adormeci.

No outro dia a mesma coisa, o homem alto forte passando com uma pequena bacia de alumínio, luzes piscando, nenhum barulho. Acordei e pus um trecho de *Le Nozze di Figaro*, na interpretação de Bidu Sayão, quando ela fazia do elenco regular do Met de Nova York. Em seguida troquei de roupa e fui até um pequeno mercado comprar uma barra de chocolate. Segurava uma barra de meio amargo, quando uma voz aos pés de meus ouvidos me excitou profundamente.

“Então você gosta de chocolate?”, perguntou.

Era ela, era ela que sorria pra mim, a jovem moça que eu todos os dias observava da janela de meu quarto, desde que fui morar naquela casa.

“Não respondeu minha pergunta.”

“Gosto... gosto muito de chocolate”, respondi gaguejando.

“Você come enquanto me olha pela janela?”

“Que é isso, de jeito nenhum, eu não fico observando ninguém pela janela, foi apenas um incidente, nunca mais vai acontecer e...”

“Deixe de ser bobo”, ela falou tomando minhas mãos, “não viu como eu me coloquei estrategicamente para que você me olhasse por inteira?”

“Eu tenho que ir, estou com pressa.”

“Hoje à noite eu quero me encontrar com você na Praça da Sé, está bem pra você, ou prefere outro lugar? No início da noite”, ela falou saindo de minha presença e sumindo entre os clientes do mercado.

Em casa abri a barra de chocolate e comi olhando para o teto e para a estante de livros. O teto e a estante de livros. O

teto e a estante, até que o Sol começou a dar um efeito alaranjado no céu e eu me levantei. Caminhei calmamente, no compasso do Sol, que foi desaparecendo por entre os prédios de apartamentos, brilhando nos vidros das janelas. Ela estava sentada num banco de pedra e me viu de longe, fiquei tão sem graça que pus as mãos nos bolsos da calça.

“E então?”, perguntei.

“Eu também tive um ótimo dia, obrigada”, ela disse ironicamente.

“Desculpe, é que as circunstâncias...”

“Sei que você me quer.”

“Qual é o seu nome?”, perguntei me sentando ao seu lado.

Ela não tinha cheiro nenhum. Seu sorriso dubitativo me fez estremecer.

“Géza, meu nome é Géza, o nome de um pianista alemão que meu pai gosta muito, ouve todos os dias”, ela disse ternamente.

“Géza Anda, conheço bastante, especializado em Mozart.”

“Mas não vamos ficar aqui falando dessas bobagens, meu pai, que é músico, me importunou a vida inteira falando essas besteiras”, ela disse se levantando. “Vamos caminhar um pouco.”

Paramos em frente a um hotel pequeno, cujas portas eram trancadas com um ferrolho velho e enferrujado. Entramos. Um forte cheiro de bolor inundava o ar.

Géza tirou a roupa e depois soltou os cabelos longos, que penderam milimetricamente atrás de seu corpo mignon.

Não me lembro do tempo que ficamos deitados na cama do hotel vagabundo, sei que permanecemos em silêncio, e novamente recomeçamos, até que ela disse.

“Você me ama?”

Saí de cima dela. Abri uma pequena janela que dava para um beco cheio de entulho e ratos. Senti a brisa fresca da noite.

“Sim, amo”, respondi sem ter certeza.

“Você gosta de meus cabelos?”, perguntou.

“Por que me faz essas perguntas?”

“Porque enquanto a gente fodia, você alisava meus cabelos, colocava o nariz entre os fios tentando captar o cheiro.”

“Gosto, muito.”

“Eu não, eu odeio. Venha. Me coma novamente que eu lhe conto por quê.”

Ficou de quatro e abriu-se pra mim. As lentas estocadas fizeram-na falar quase sem fôlego.

“Minha mãe faz parte de uma igreja evangélica... antes de eu vir a esse mundo... ela ficou muito doente... e prometeu que se ficasse boa teria uma filha... que nunca cortaria os cabelos... veja que coisa idiota, sem pé nem cabeça... a religião prega o fanatismo... cada dia da semana eles usam... uma roupa diferente... que maluquice... agora eu quero... te contar uma coisa... quando eu te vi janela... senti que você... que você seria meu...”

Recostamos na parede.

Géza me contou que a mãe é tuberculosa. As portas e janelas são por causa do barulho externo e do frio. A tísica se assusta constantemente, e os acessos de tosse quando começam parece que não vão parar mais. O silêncio é enervante e seu pai fica dias e noites às voltas com cataplasmas, remédios e bacias cheias de vômito, baba e sangue que a moribunda verte.

“Eu vejo sempre umas luzes piscando...”, perguntei curioso.

“Ah, é que papai adora cinema mudo e tem um pequeno projetor com telão. Ele conheceu minha mãe num cinema.

Está ficando demente, comprou um monte de filmes do Ingmar Bergman e retira o som. Ama a música, era maestro, mas odeia o som dos filmes. Da TV pior ainda. Coitado...”

“Mas essa promessa é muito infame...”, eu lhe disse.

“Tenho sofrido todos os dias com isso, tenho de levar uma vida cheia de métodos decorrentes do fanatismo”, ela disse chorando, pegando meu pau e botando em sua boca, fazendo alguns intervalos, nos quais falava. “Papai me diz todos os dias que eu tenho que ajudar a mamãe até que Deus a leve, mas há quase dois anos que eu espero Deus levar mamãe!”

“Deus não leva ninguém”, eu falei num espasmo.

“Sabe que dia é depois de amanhã?”

“Não, não sei”, respondi.

“O dia dos namorados”, ela disse sorrindo.

“Não se preocupe que eu vou comprar seu presente, eu tenho umas economias. Semana que vem volto a trabalhar.”

“Mas eu já sei o que vou querer”, disse-me levantando-se.

“Pode dizer”, falei ajudando-a a se espreguiçar.

“Quero que você mate mamãe.”

No dia seguinte eu fiquei observando os pontinhos no teto. O velho telhado cheio de frestas, pelas quais os raios de sol penetravam iluminando as paredes, deixando um rastro de pequenas partículas de poeira.

Pensava nos contornos sinuosos do corpo de Géza, sua voz firme e decidida, sua inteligência e sua ambição. Pus o compact disc player para repetir várias vezes a cena 2, *Quel Nouveau Ciel Pare Ce Lieu?*, do segundo ato de *Orphée et Eurydice*, de Gluck. Em alguns momentos fiquei alisando a ponta quebrada de meu dente canino. Tirei e botei o incisivo furando o dedo com o pivô, sentindo aquela dorzinha horrível.

Como combinado, eu esperei Géza dar o ok, chegando da janela e fazendo um sinal. Eu havia tomado café com o velho Percilino, e dona Alzira mais uma vez saíra da mesa quando o assunto da morte do antigo dono da casa ao lado foi tocado pelo marido.

“Casa amaldiçoada”, resmungou a velha indo para o quarto.

Descobri que lá dentro ela tinha um pequeno oratório e passava a maior parte do seu tempo rezando.

“Se nós estivéssemos no poder, essa baderna não tinha se instaurado no país”, falava Percilino fungando enxugando o nariz com um pano. “Veja que desrespeito à moral e à família. Gente decente convivendo com pessoas sórdidas.”

Fui para o quarto, Percilino ficou falando sozinho erguendo os braços e dando soco no vento.

Abri a janela. Meia hora depois Géza apareceu e deu o sinal, seu pai já tinha ido dormir. Saí de casa.

Olhei a rua larga, nem uma só pessoa transitava. Dois gatos brigavam no quintal em frente. Entrei no hall da casa branca. Senti um forte cheiro de madeira. Olhei as tábuas do assoalho. Não pareciam tão novas. Géza foi quem abriu a porta silenciosamente. Entrei e nos beijamos com ardor.

“O primeiro quarto é o dela, que dorme sozinha. O outro é o de papai, que já deve estar roncando”, falou me puxando pelo braço.

Senti um medo terrível. Entrei no quarto. Cheiro de remédio. Uma terrificante estante cheia de versões da Bíblia. Num canto vários copos com líquidos coloridos. Eu me aproximei da cama. Uma velha mulher pálida, respiração ofegante, cabelos finos sobre o travesseiro grande. Eu ia estrangulá-la, quando ouvi passos.

“O que faz você no quarto de minha esposa?”, perguntou o pai de Géza, um homem alto e forte, mas visivelmente debilitado pelo cansaço interno da velhice.

Não deu tempo pra mais nada.

Antes de ele voltar a dizer alguma coisa, dei-lhe um soco. Mas o velho não caiu e Géza lhe aplicou um golpe na cabeça. Aquele homem imenso caiu fazendo um barulho estrondoso. Ficamos em silêncio. Olhei por uma frincha da porta. Nenhum vizinho acordou.

“Papai vai ficar bom, ele é forte, cuide de mamãe”, disse Géza empurrando-me para o quarto.

A velha começou a se mexer e abriu os olhos. Peguei imediatamente o travesseiro que estava debaixo de suas pernas.

“Mate ela”, sussurrou a velha.

Fui assaltado de medo. Parei com o travesseiro suspenso no ar. Olhei para Géza, ela espiava pela frincha da porta e pelas janelas o movimento na rua. Vi de relance o pequeno telão em que o pai dela passava os filmes do cinema mudo e de Ingmar Bergman.

“Mate ela você não faria isso comigo”, disse a velha perscrutando minha alma, olhando bem fundo nos meus olhos. Percebi medo em seus olhos. Sua respiração era ofegante. Era Géza mais velha. Os cabelos, a pele, os olhos, a voz, tudo.

“Géza venha cá”, eu disse.

“Mamãe está morta?”, ela perguntou olhando a cama.

“Está meu amor. Foi seu presente de aniversário”, eu lhe disse e começamos a nos beijar.

Géza me deu as costas, esfregando sua bunda magra em meu pau. Acariciei-lhe os cabelos. Géza começou a chupar meu dedo indicador. Agarrei seu pescoço e apertei. Ela

começou a se debater, tentando gritar, agarrou-se na porta com esforço. Vi que seu pai se mexia. A tísica observava feliz, a cena de sua cama. Géza começou a verter uma espuma branca e grossa pela boca, me deu alguns chutes com o calcanhar. Com a perna direita eu travei as suas pernas, até que ela amoleceu em meus braços. Fiquei extenuado. Estrangular uma pessoa, mesmo uma mulher magra necessita muita força.

Carreguei-a e deitei-a em seu quarto, na cama. Ela tinha manchas roxas pelo corpo todo. Os olhos esbugalhados, guardando o terror de seu desfecho. Fechei a porta. Olhei a velha deitada na cama. Ela acenou e sorriu.

“Quem é você?”, perguntou o velho.

“Sou um amigo de Géza, ela foi dormir e pediu que eu fosse embora”, eu disse e o velho sorriu.

“Minha filha é uma santa, vai morrer santa. Eu era maestro, ela te contou? Eu gosto muito de música, eu amo a música, mas agora estou velho e meio surdo. Depois eu te dou algumas informações sobre boa música. Fico triste porque as pessoas escutam tanta coisa pobre. Não sabem o que estão perdendo. Estou falando demais não é? É coisa de velho meu filho. Você já viu *Gritos e Sussurros*, de Bergman? Eu também gosto muito de cinema. Gosto de teatro também, mas não tenho mais condições de sair. Eu ia muito ao teatro quando era jovem. Já viu esse filme que te falei?”

Respondi que não.

Repasso todos os acontecimentos em minha cabeça como uma vertigem. Vejo tudo em frações de segundo.

Assisto ao filme sueco sem som e em completo silêncio. Me acostumei ao cheiro de remédio da casa. O velho parece

repetir o que as personagens dizem. Mesmo sem som eu compreendo tudo o que está se passando.

Agora espero.

O fim.



PROVA

A primeira vez

Curvou-se e apanhou o anúncio chinfrim de uma cartomante oferecendo seus préstimos. Leu vagamente sem dar muita atenção.

A moça atrasada.

Reparava nas casas daquele bairro de Salvador endireitando o pesado casaco de algodão: erguidas e conjuntadas sem a menor harmonia.

“Deus, tanto espaço no mundo e tudo tão apertado, tão limitado... E minha casa no meio”, falou baixinho.

“Ela não vem mais”, pensou enquanto dobrava o pequeno anúncio. Apertou-o entre os dedos. Entrou num boteco cuja placa em sua fachada tinha a inscrição: “Senhor do Bonfim bar e restaurante.” Ele, experiente na arte da sedução. Ele, de coração indolor, indiferente às adversidades da vida, esperando alta noite por uma mulher esquelética que nem tem carnes para apalpar. Parece mais um gafanhoto, tornou a pensar.

“Cerveja, por favor”, ele falou à moça gorda e apática que limpava o balcão com uma flanela vermelha.

O vento forte trazia folhas secas, pequenos grãos de areia, papéis sujos e uma chuva fina e desordenada açoitando o asfalto e adentrando o pequeno estabelecimento. Meia hora dum suspeito atraso já era demais, ele pensou olhando o relógio Casio Melody. Tinha que terminar de ler o livro que deixara incompleto. Limpou o suor e oleosidade do nariz adunco. Estava decidido, iria terminar aquele breve namoro. Foram dois encontros furtivos, nada mais. Diria que estava amando outra mulher, sem piedade. A moça atrasadíssima.

A senhora de pele acinzentada entrou de supetão do bar. Ele pensava do romance cuja leitura retomaria tão logo chegasse em casa. Em apenas uma semana lera “Taras Bulba” e “Almas morta”, ambos de Gogol. “As três irmãs”, de Anton Tchekhov, além de “O processo” e “A metamorfose”, de Kafka, e também “Triste fim de Policarpo Quaresma”, do Lima Barreto, um exemplar datado de 1950 contendo um retrato do escritor pré-modernista.

A preta lançou um olhar enigmático e puro por todos que se refugiavam ali. Carregava uma sacola plástica contendo roupas, gêneros alimentícios e outras coisas que não se podia identificar. Roupas velhas e amarrotadas. Suas sandálias de couro deixavam aparecer as unhas sujas e pretas, devia ter andando o dia inteiro. O globo ocular era encoberto por uma fina membrana amarelada e os capilares tornaram-se veias aparentes. O vento batia contra, ele sentiu o bodum sufocante que exalava daquela pequena senhora. O relógio marcava vinte e três e trinta e um. A velha pousou a sacola plástica no chão e lentamente assentou as cadeiras num banquinho de madeira cuja tinta estava desbotada. Aquela imagem o deixou ainda mais cansado. A voz cálida e roufenha dera-lhe um susto imenso. Engasgou-se com a cerveja e molhou parte da camisa por baixo do casaco.

“Eu era tão feliz e eles levaram tudo pelo amor de Deus moço, eles levaram tudo, pelo sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, tô o dia todo andando, qualquer coisa serve moço, por essa luz que me alumeia eu tô falando a verdade moço”, falou-lhe a mulher sem arrumar as ideias.

“Quem levou tudo tia?”, o homem perguntou após o último gole de cerveja.

“O pessoal que chegou lá na invasão derrubaram os barraco mataram gente, dei queixa, mataram minha neta, a mãe dela já tinha morrido mesmo que Deus a tenha. Só ficou uma menina, uma sobrinha pequena que tá passando fome e tudo, tudo que eu tinha já dei.”

Coçou a cabeça aflita, com olhar perdido sobre a calçada. Cuspiu num canto do botequim. O homem olhou e viu uma pasta branca com algumas bolhas de ar, um cuspe tão grosso que os respingos da chuva que invadia o bar não conseguiram dissolvê-lo.

Mas que tinha ele a ver com aquela desgraçada?

Lembrou-se do anúncio da cartomante em suas mãos. Atirou o pequeno panfleto na rua, agora um grande rio de água da chuva. A velha aproximou-se dele. Então percebeu que ela em muito se parecia com sua mãe. Ele fez um esforço para tentar lembrar-se dela nos momentos mais bonitos de sua vida, mas em sua mente vinham apenas os gritos e murmúrios da morte, a agonia do quarto cheirando a remédio, a bacia cheia de vômito, vômito e uma gosma branca que sua mãe vertera até exalar o último suspiro.

“Sua mãe agora está no céu, ao lado de nosso Senhor”, lhe disse uma tia segurando um terço. Ficara surpreso, nunca tinha visto aquela tia tão devotada à religião. Famosa por dar surras no marido desempregado e analfabeto. Ativa e orgulhosa de sua estupidez. Imoral na escolha da vestimenta, e agora lhe aparece ali inteira. Na contraluz bem poderia parecer a Nossa Senhora que jazia triste na mesinha do quarto de sua mãe moribunda.

“Não podia me ajudar, moço? Qualquer coisa serve. Não bebo, não fumo, só tenho fome”, pediu a velha novamente,

aproximando-se mais ainda. O homem pôde sentir seu hálito quente. Notara no canto da boca da miserável um aglomerado de saliva amarelecida que se expandia à medida que ela falava. Sentiu grande nojo.

“E agora?”, ele pensou. Ele, um alto funcionário da Secretaria da Segurança Pública. Ele, conhecedor das bebidas finas, as finas e as fulminantes de boteco com balcão imundo e seboso como aquele. Ele, fino conhecedor das manhas da arte e da conquista.

Levantou-se de onde estava recostado e puxou da carteira uma nota de alto valor. A velha pensou como poderia trocar aquele dinheiro em miúdos, e se assustou quando o homem entregou-lhe a nota. Estaria ele mesmo fazendo aquilo? Pensou na primeira namorada apaixonada, vítima de sua lábia irresistível. Deflorada pelo Grande Conquistador. Pensou nas lágrimas da mulher apaixonada, a quem confessara ter-se entregue a ele para sempre, um homem em que ela pôde confiar.

Viu de longe a nítida imagem da mulher lânguida e ossuda. Pôs-se a correr desesperado, não dando tempo aos agradecimentos da velha, que com a cabeça baixa não percebera que o homem não mais se encontrava ante a sua presença. Quando notou a ausência, olhou para os lados, investigou a rua e gritou “milagre!”, todos riram pensando ser ela mais uma dessas pessoas dementes que transitam pelos centros urbanos.

E o homem correu. A chuva encharcando sua roupa. Era Deus que descia escorregadio e frio pelo seu corpo?, pensou num instante. Apenas corria. Como se fosse a primeira vez que sentira compaixão de seu próximo. Ou de si mesmo.

Dies irae

A professora Margot é uma mulher muito alta. Alta e gorda. Conserva uma juventude no sorriso disposto e no olhar investigativo. Seus seios, sua barriga e suas pernas juntam-se aos braços num bolo de carne desproporcional. Apesar disso, é uma mulher extremamente feminina e sensual. Existem mulheres que possuem essa essência de fêmea, algo que muitas mulheres belíssimas não conseguirão atingir nunca. Namorei uma modelo lindíssima, mas depois percebi que ela não passava de uma tábua, quando a beijava e quando transávamos, parecia que eu estava com um corpo morto. Seus gestos e sua forma de caminhar eram frios e meticulosamente calculados. Os ossos do ofício?

Quando me viu, Margot permaneceu gesticulando, abrindo os braços e as pernas, fazendo quase uma encenação grotesca durante a aula que ministrava a alunos atentos. Na parede, acima do quadro negro, que era verde, um monte de pichações com nomes escrotos em letras retorcidas, e um desenho de um pênis estilizado. Escutei de um aluno que ele gostava de assistir às aulas da professora Margot porque ela botava pra fuder, dissera. A verdade é que Margot falava o dialeto deles.

Na saída, ao ter comigo, me disse o motivo de sua demissão.

“Em uma das aulas eu expliquei que em 05 de outubro de 1897, o governo filho da puta do presidente sacana Prudente de Moraes e seus asseclas, destruíram uma experiência de fuder em toda a história, onde o rebanho, as colheitas e todo o fruto do trabalho eram repartidos em partes iguais entre os membros da comunidade. A destruição aconteceu porque os ricos latifundiários, os antigos empresários canalhas dessa

nossa republiqueta escrota, não gostaram da ideia e se sentiram ameaçados em seu poder espúrio. O Exército destruiu cerca de cinco mil casas e assassinou toda a população do Arraial de Canudos. O diretor, um viado ressentido e enrustido do Liceu Nossa Senhora da Boa Morte redarguiu que “não poderia condescender com tamanha mixórdia que eu estava causando na cabeça do alunado, que eu não deveria alquebrar o que já está estabelecido”, ou seja, que eu não devia ensinar os meninos a pensar. Aí eu fiquei furibunda e mandei-o se fuder e ele me demitiu. Azar!”

Na verdade Margot exercia aquele ofício por prazer e pelos seus ideais revolucionários. Era a principal herdeira de uma cadeia de lojas no ramo da moda. Veja como a vida é irônica. Ou seria Deus tão perverso com as suas criaturas?

“A senhora vai ou não falar o que quer?”, perguntei olhando as horas num relógio de bolso que sempre uso a trabalho.

“Eu vou dizer sim”, ela falou puxando uma toalha da sacola de couro que segurava embaixo do braço e com ela enxugando o suor do corpo com agilidade.

“Vamos a um lugar menos movimentado.”

Sentamos num botequim no centro da cidade, próximo ao relógio de São Pedro, que ficava numa rua transversal cheia de mendigos e vendedores de folhas e incensos.

“Está vendo esses mendigos? Pois duas vezes por semana eu dou aulas a um punhado deles. Mendigos, putas, traficantes, essa gente do chamado baixo mundo, um termo criado pelos burocratas para designar os excluídos da sociedade. Meu marido pede pra morrer com isso!”, falou Margot divertida, jogando quase todo o amendoim que uma mulher desdentada pusera sobre a mesa para nós comprarmos, na boca.

“Vamos direto ao assunto”, falei chamando a balconista.

Notei que o semblante de Margot modificou-se.

“Uma água mineral pra mim, e pra ela...”

“Eu não quero nada”, me cortou.

“Você é surpreendente”, falei sem graça.

“A pessoa que eu lhe falei ao telefone é o Werner.”

“Seu marido?”, perguntei espantado.

“Sim, ele mesmo, ou você acha que existiria outro Werner em minha vida? È ele mesmo, o sacana, vê se pode, montou um quarto exclusivo para ele e as vagabundas que ele cata na rua. Chega, chega de tanta humilhação. Ele se casou comigo por causa da grana de papai que vou herdar, mas papai graças a Deus não morre nunca!”

Fez uma pausa e olhou para o balcão. Chamou a balconista e pediu um churrasco de linguiça toscana. Essa gente come por ansiedade.

“A gota d’água foi eu ter feito votos de pobreza, me indispus com minha família, que queria que eu frequentasse aquelas festas de grã-finos e aparecesse nas revistas ao lado das celebridades dizendo que tinha feito um regime e emagrecera trinta quilos em duas semanas, eu preferi morar só e viver de minhas aulas. Mas o Werner se mostrou um verdadeiro calhorda, um chauvinista, por isso eu quero que você faça o serviço, eu vou pagar o que você pede.”

Fiz um sinal para que ela parasse de falar, a moça que nos servia aproximava-se com minha água e o churrasco de Margot, que devorou antes de eu terminar a água. A mulher do amendoim apareceu para cobra pelo punhado de amendoim que deixara sobre a mesa. Terminei pagando.

O serviço seria fácil, um trabalho calculado com presteza e inteligência, coisas que nunca me faltaram. Doutor Werner, o dentista, gostava de festas, e mesmo no pequeno apartamento em que moravam, ele e Margot promoviam eventos sociais famosos e propalados entre os amigos de ambos. Mandeí que Margot inventasse uma festa qualquer. Eu seria um dos convivas.

Na parede de minha casa existe um quadro com um índio majestoso comendo um português colonizador. Antigamente os indígenas frequentemente usavam plantas das espécies dos timbós, sapindáceas e leguminosas para envenenar a água dos rios e matar os peixes. Um inteligente método de pesca predatória que permitia resultados imediatos.

Naquela noite estive em dúvida com o que mataria o doutor Werner, peguei um pequeno frasco com curare e na contraluz observei sua cor marrom escuro. Aquele curare bruto fora extraído de uma planta da família das loganiáceas, do gênero *strychnos*. Werner dançaria com as loiras peitudas e depois cairia sufocado pela ação do veneno, que causa a diminuição da motricidade voluntária e a rápida paralisação da musculatura respiratória.

Na dúvida levei para a festa amostras em quantidades suficientes de curare e *rotenona*, nome de uma substância extraída de uma planta também *ictiotóxica* chamada Timbó. Aquela em especial da família *Derris negrensis*, vulgarmente denominada Timbó-urucu. De sacanagem misturei a substância com um pouco de extrato da semente da *Magonia pubecens*, chamada pelos índios de assa-peixe. Eu podia imaginar os pômulos de Werner pegando fogo de tão vermelhos. Em todos os outros casos eu pedira dinheiro adiantado,

dando como garantia a minha palavra. Era pegar ou largar. Todos pegavam.

Não saí sem antes apreciar a audição da *Tuba mirum*, no Réquiem *Dies irae*, de Verdi. Aquele caos momentâneo seguido da fanfarra dos trompetes anunciando a morte que se segue, o maestro genialmente louco Arturo Toscanini gritando com o baixo antes do final com o coro clamando a palavra *omnes*, me deixa extasiado. Na festa todos dançavam *Biquíni amarelinho*, com o doutor Werner no centro do amplo salão por trás de uma mulher de cabelos vermelhos, segurando seus seios fartos, jogando-os para cima e para baixo. Ninguém notou a minha presença. Um garçom me serviu uma bebida, acho que vermute com três pedras de gelo. Margot não me olhou nem um minuto sequer. Uma mulher esbarrou em mim e molhou a manga de minha camisa com o uísque que levava num copo.

Fui ao banheiro, um homem estava debruçado na pia cheirando pó, eu pedi licença e ele saiu fungando, escondendo a cara. Apertei o botão da descarga para disfarçar. Então pude investigar a cozinha, Margot não me dera muitos detalhes. Vi bandejas e um monte de taças vazias sobre um balcão de madeira. Margot já sabia o que fazer. Chamou o marido até a cozinha e apresentou-me.

“Esse é Tobias”, ela iniciou me dando um nome que não gostei.

“O que quer comigo?”, perguntou Werner apático.

Fiz um sinal para Margot voltar para a festa, pois além de indelicado poderia levantar suspeitas. Troquei de posição, aproximando-se de Werner, fazendo com que ele se afastasse para um vão mais escondido da cozinha.

“Alvíssaras, meu caro Werner! Eu estou investindo no ramo da odontologia aqui no Brasil. Estou enfasiado de Portugal, donde cheguei recentemente de viagem e pretendo não mais retornar. Estou abrindo dois consultórios e você é meu convidado de honra”, eu disse notando seu súbito interesse. Margot me havia advertido que Werner só pensava em dinheiro e na promoção de sua imagem. Senti que ele tinha imaginado os flashes dos fotógrafos das revistas feitas por e para os dentistas.

“Mas esta é deveras uma boa notícia... venha, vamos conversar com calma no meio das meninas, a cozinha não é o lugar próprio para dois amigos e futuros sócios debaterem assuntos profissionais”, disse ele com uma falsidade esperada e uma arrogância nunca imaginada por mim.

“Mas antes, vamos tomar alguma coisa pra festejar a boa-nova?”, perguntei pegando duas taças de champanhe.

“Vá preparando que eu vou dar uma mijada”, disse Werner abrindo a braguilha, dando as costas e entrando no banheiro.

Pus as luvas de algodão. Numa taça, suja de batom que eu peguei na pia, pinguei cinco gotas do curare e duas da *rotenona*. Enchi até a borda com Chivas Regal paraguaio que eles bebiam. Quando punha pra mim, ele surgiu rindo abrindo a porta com uma das mãos e com a outra fechando a braguilha.

“Ah, a vida está sorrindo pra mim, mister... Mister...”

“Francesco”, eu disse oferecendo-lhe a taça.

Werner bebeu quase tudo. No final enfiou o dedo indicador na taça e mexeu a bebida. Sorveu todo o restante. Ele deu as costas rindo e dizendo coisas que eu não deu para compreender. Pegou a garrafa de champanhe que estava em

cima da mesa. Abri a porta de serviço que Margot tinha deixado estrategicamente destrancada. Cheguei a ver o doutor Werner agarrar o próprio pescoço e apertar o peito com as duas mãos e cair. Ridículo de tão fácil.

Na rua escura e deserta da orla da cidade um jovem arrancava o monofone de um telefone público. Retirei o bigode falso, os óculos escuros e as luvas e guardei-os no bolso do paletó. Olhei para trás, vi uma viatura parada e um policial negro batendo no vândalo com um cassetete.

Bocejei. Pensei em Margot. Espero que não tenha se arrependido. Era tarde, eu acordo muito cedo para estudar violão. Precisava dormir, decidi cortar caminho. Entrei numa rua transversal onde ratazanas corriam por sobre a calçada.

PROVA

Pensamentos fumegantes

As horas se passavam e eu estava cansado de olhar para o telefone à espera da ligação. Não sabia qual dos três discos antigos que acabara de comprar em um sebo do centro da cidade eu escutaria primeiro.

Estava na dúvida entre a *Symphony nº 35 in D major*, K. 385 *Hafner*, de Wolfgang Amadeus Mozart, ou o *Rondeau*, de Henry Purcell, na interpretação magistral de um trompetista mundialmente famoso, que tive a oportunidade de conhecer sem saber quem era o Wynton Marsalis, numa viagem que fiz a um festival de jazz na Suíça. Desfiz a dúvida pondo um *Prelúdio*, de Shostakovich. A pianista Tatyana Nikolayeva sempre me surpreendia com a austeridade e convicção emocional que extraía das teclas de seu piano.

Olhei para o relógio na parede e para a estante empoeirada. Percebi que alguém acabara de colocar uma correspondência por baixo da porta, mas não fiz a menor intenção de ir ver o que era. Deitei no sofá e fiquei ouvindo a canção enquanto olhava sem muito interesse o meu trompete jogado ao léu num espaço contíguo entre a sala e a cozinha. Lembrei do Chet Baker e de Louis Armstrong. Lembrei das noites passadas. Eu e meu trompete trabalhando arduamente naquela churrascaria na orla da cidade. Os seguranças trajados de puro linho tingido de azul escuro. O manobrista cuja pele do rosto parecia a de um cadáver. Os jovens casais da sociedade em roupas vulgares mostrando o corpo numa tentativa exacerbada de seduzir o próximo. Os arranjos florais amarrados com um fio de sisal colorido pousado cuidadosamente no centro das mesas. E aquela angustiante sensação

de desprezo. Filhos da puta eu pensei. Nenhum deles sequer olha para um de nós músicos aqui em cima desse tablado vagabundo debaixo desses dois refletores com gelatina azul e vermelha.

“A gelatina azul é para dar um clima mais romântico”, dissera o dono do restaurante, um homem jovem, bastante calvo e excessivamente afetado que malha todos os dias na mesma academia que eu.

Pelo acordo eu tocara dois finais de semana e naquele último dia, pensando bem última noite, meu estômago doía furiosamente e eu estava sem um mínimo de paciência. O desenvolvimento das músicas foi seguido fielmente por mim que não tirava os olhos da partitura. Não tinha cabeça para improvisos e divisões rítmicas. Os aplausos mecânicos me deixavam enfatiados.

“Você quer em dinheiro ou em cheque?”, perguntou Júnior.

“Em dinheiro”, respondi secamente limpando o suor da testa com o mesmo lenço que havia limpado os pistões do trompete.

“Aqui está”, ele disse erguendo um maço de notas. “Agora ganha um pouquinho mais se me deixar dar uma pegada”.

Senti sua mão abrindo a braguilha da minha calça. Sorri, peguei o dinheiro e então desferi um soco que Júnior caiu desacordado por entre um amontoado de panelas sujas com farofa e salada. De seu nariz começou a escorrer um sangue grosso e escuro.

Escuro como a noite que vi lá fora. Não sou um cara violento, não gosto de agredir ninguém, nem verbal nem fisicamente. Mas aquilo me tirou do sério. Poderia ser uma mulher, adoro as mulheres, mas gosto de avançar, gosto das mulheres que se fazem de difícil, não daquelas que se atiram

em cima da gente feito urubu na carniça. Não soquei o Júnior por ele ser homossexual, mas por causa daquele gesto agressivo e invasivo. Estava mergulhado nesses pensamentos. Acordei assustado. O telefone gritava nervoso. Olhei a vitrola, a música tinha terminado.

“Estou te esperando na porta do cinema”, ela falou do outro lado da linha com a voz altiva e sensual de sempre. Desligou.

“Está a fim de me sacanear”, falei desligando o aparelho.

Saí vestindo a camisa de listras pretas que ganhara de uma fã carente e suburbana no natal, quando tocava na praça central de um Shopping Center. Ganhava por hora para tocar músicas natalinas. Para esculhambar, tanto no desenvolvimento temático como no rítmico eu punha notas de *A perereca da vizinha*, canção de um grupo nordestino de forró. Então botava no meio do refrão excertos de qualquer melodia do Megadeth. As crianças paravam e me olhavam assustadas sem entender o que eu estava tocando.

Antes de sair deu tempo de pôr no digital player, para repetir ininterruptamente e em volume em alto, uma música “mundana”. Para pirraçar. É que ao lado de minha casa um ex-vendedor de painéis abriu uma pequena igreja e não me deixava sequer escutar meus pensamentos, com os crentes cantando cânticos, debatendo-se e expulsando espíritos até altas horas da madrugada, quando não faziam vigília que só termina no meio da manhã. Há mais de dez anos que aquele homem mercava suas painéis por aquelas plagas. Sua labia infundável o fazia vender terrenos até na lua. As donas de casa por compaixão o convidavam para almoçar em suas casas. O comerciante contava desgraças da vida e seus coadjuvantes, sabia tocar o coração das pessoas com superlativos,

adjetivos decorados e trechos apocalípticos extraídos da Bíblia. Chegando à porta uma devota gritou “ímpio!”, entrou e fechou todas as janelas. Sorri divertido quando já estava longe e ainda escutando os pesados acordes da música heavy.

Ela trajava um daqueles vestidos tubinho em um tom pastel com algumas lantejoulas da mesma cor na área ao redor do pescoço. Os cabelos pendiam retesados ao longo das costas, nem um fio fora do lugar. Cumprimentou-me com um suave aperto de mão. Senti um leve odor de jasmim.

“Aqui é um lugar muito movimentado”, ela disse olhando em volta, “venha, conheço um local mais seguro.”

“Mas não foi você mesma que...”

“Não diga mais nada e me siga”, ela me cortou dando as costas.

Rapidamente chegamos ao Mosteiro de São Bento, ao lado de uma rua larga repleta de ambulantes, lojas as mais diversas e carros barulhentos indo em direção à Praça Castro Alves. O Mosteiro fica numa Praça, numa área recuada. A arquitetura majestosa e imponente da edificação me levou aos tempos de criança, com todas as rezas e novenas de minha mãe. Na capela algumas poucas pessoas rezavam contritas. Um monge passou segurando um livro grosso. Como essa gente estuda, eu pensei. Ela parou em frente a um altar com uma Nossa Senhora de Assumpção. Evitei olhar para a face triste da imagem. Esse tipo de ambiente sempre me deprime.

“Você sabe que isso é perigoso?”, ela perguntou baixinho sem tirar os olhos da imagem.

“Sei”, falei.

“Você pode ser preso por isso.”

“Eu vou tomar todos os cuidados.”

“A polícia está atrás de nós. Descobriram muita coisa, inclusive um de nossos escritórios. Mães arrependidas deram depoimentos à imprensa. Os telejornais caíram em cima feito urubu na carniça”, ela falou e notei que estava ansiosa. Uma gota de suor escorria pela sua testa.

“Não tem problema, já disse que tomarei todos os cuidados possíveis. Estou precisando muito do dinheiro. Se me der às informações hoje mesmo eu posso começar”, eu disse tentando olhar para uma das imagens.

Um homem entrou na capela e parou frente a um altar ao lado do nosso.

“Vamos sentar.”, ela disse fazendo o sinal da cruz.

“Vamos”, eu disse notando que a imagem tinha os lábios parecidos com os dela.

Sentamos bem de frente ao altar mor. O chão da nave da igreja brilhava de tão limpo. O altar adornado com flores artificiais e contornos dourados. Olhei impaciente para cima. Ela em silêncio. A abóbada me fez lembrar as aulas de acústica que tive no ginásio. Imaginei-a toda vítrea, o vidro colorido por um artista modernista.

“Não está me ouvindo?”, ela perguntou.

“Amém”, eu falei e ela sorriu.

“Tolo. Perguntei se você aceita trabalhar conosco.”

“Sim, aceito. Mas é tudo no maior sigilo, não é?”, perguntei e ela me lançou um olhar frio. Notei que fizera uma pergunta idiota e recuei. “Brincadeira. Falei isso para quebrar o gelo.” A emenda pior que o soneto.

“Tome esse envelope”, falou abrindo a bolsa vermelha e retirando um pequeno envelope pardo, entregou-me.

“O que tem aqui dentro?”, perguntei fixando meu olhar no altar.

“As instruções. E um adiantamento.”

“Vamos?”, perguntei ansioso.

“Mais uma coisa. Acho que estou sendo seguida. Um homem de pele avermelhada parecendo um alemão. Já o vi três vezes. Está sempre vestindo uma capa preta. Um calor desses e ele de capa. Um verdadeiro clichê. Tem um bigode grande, parecendo o bigode de D. Pedro. Se perceber que ele o está seguindo também incinere o envelope imediatamente. Vamos.”

Levantou-se bruscamente. Eu tinha começado a ficar nervoso e uma pontinha de arrependimento tomava conta de meu coração, quando ela se levantou. Será que ela notou? Eu pensei enquanto caminhávamos até a saída, ambos em total silêncio. Lá dentro pouco se ouvia dos carros barulhentos do lado de fora. Pus os óculos escuros. O sol forte incendiava meus olhos.

“Como é que eu faço pra me comunicar?”, perguntei rapidamente.

“Não se preocupe. Nós entraremos em contato”, falou me olhando nos olhos, um olhar investigativo. Estendeu um braço chamando um táxi que ia passando. O carro parou e ela entrou. O motorista sinalizou e desviou pela Rua Carlos Gomes.

Caminhei apressado até um shopping Center. Pessoas esbarravam-se em mim, então desviei tomando uma escada de acesso ao terceiro piso, mais vazio, possuindo apenas dois restaurantes, duas livrarias e uma loja grande de eletrodomésticos. Entrei no sanitário. Dois homens fingiam urinar no mictório. Um olhando para o pau do outro. Entrei no compartimento do vaso sanitário. Arranquei um pedaço de

papel higiênico e com ele segurei o trinco da porta e travei-a. Em seguida abaixei com os pés a tampa do vaso sanitário. Sempre tomei esses cuidados para evitar contaminações nos locais públicos. Principalmente banheiros. Sentei devagar na latrina. Olhei por uma frincha da porta: os dois homens estavam lá, um olhando o pau do outro, ninguém entrara no recinto. Abri cuidadosamente o envelope. Três notas de cem dólares, uma folha de papel com o endereço de três mulheres, três fotos de crianças, duas meninas negras e um menino pardo chorando. Uma folha pautada com as instruções escritas a mão. Li atentamente a todas elas e tomei consciência do que estava fazendo. Guardei tudo dentro do bolso da calça, os dólares no bolso da esquerda. Arranquei mais um pedaço de papel higiênico, apertei enojado o botão da descarga. Depois destravei e abri a porta. Os dois homens não estavam mais lá. Um homem negro vestindo um macacão verde escrito serviços gerais em letras grandes passava um pano molhado no chão.

A Igreja Cristã Jesus Salvador, nome criado pelo seu fundador, o ex-vendedor de panelas estava lotada naquela noite. Na porta um jovem com os lábios grossos bastante molhados de saliva entregava alguns panfletos aos passantes. Peguei um, dobrei e pus no bolso da camisa.

“Jesus aceita o seu arrependimento irmão”, falou o rapaz.

“Tá certo”, eu disse sem prestar muita atenção, queria mesmo observar a oratória do antigo comerciante.

Pastor João, assim todos o chamavam. Antigamente atendia por João Ladrão, uma alcunha que pegou pelas redondezas devido aos preços exorbitantes que botava nas mercadorias, em sua maioria panelas de material barato e descartável,

mas que João conseguia vender assim mesmo, dando às donas de casa prazos longos e juro escorchantes às prestações dos utensílios. As paredes do pequeno templo estavam pintadas de azul, um azul celeste. A parede ao fundo do pequeno palco onde estava João possuía uma pintura tosca, uma representação do céu e da Glória de Deus, Ele sentado num trono rodeado de anjos vestidos de branco circundados por uma tinta dourada. Mais embaixo uma inscrição com letras feitas de isopor que eu não conseguia identificar o que dizia porque no momento todos os fiéis se levantaram erguendo as mãos para o alto. A plateia composta por idosos e mulheres, poucos jovens. Pastor João falava bem alto no microfone. Sua dicção perfeita ajudava-o ainda mais nas inflexões enfáticas. A alternância entre os tons graves e agudos, a perfeita intenção no martelo da voz atingia em cheio o coração das pessoas. Muitas estavam agitadas, sentando e levantando a toda hora. Algumas gritando améns e aleluias. Pastor João baixava o tom de voz quando falava as palavras de Cristo e se exaltava quando se referia aos ímpios que herdariam o fogo do inferno, o reino de Satanás. Num dado momento de seu discurso, Pastor João ajoelhou-se e fechou os olhos, pôs a mão esquerda no peito. Disse conversar com Deus, e que ele mandava um recado aos seus súditos. Muitos começaram a chorar. Quatro ventiladores presos numa parede jogavam para fora do templo um ar quente e fétido, uma mistura de suor, bodum e saliva podre.

“O Senhor pede a ajuda de seus filhos... para o soerguimento de um templo... que possa acolher um maior número de pessoas dispostas a almejar a Sua glória. Deus pede a contribuição material, joias, terrenos, até mesmo o dinheiro

imundo que a tantos corrompe”, ele gritou e todos jubilaram num coro unísono de améns e aleluias.

Deitado no velho sofá bordô eu rememorei aterrorizado as instruções contidas na folha pautada. Tudo estava escrito em letrinhas minuciosamente cortadas de revistas e jornais, como as cartas de sequestradores de filmes de cinema: Jamais mencionar endereços ou telefones para contato; nunca dizer o nome verdadeiro; dizer que reside em outro estado da federação; evitar envolvimento emocional com as partes envolvidas na transação; ter e praticar uma profissão esporadicamente como álibi. Fechei os olhos e adormeci.

Fui até a invasão indicada no papel que ela me entregara junto com as instruções, as fotografias e os dólares. A calçada da rua principal terminava numa enorme manilha cuja abertura numa das laterais, feita a machadadas, eu pensei, recebia os dejetos de um pequeno riacho oriundo de um amontoado de becos e casas sem reboco e telhas de amianto. Pus um boné que estava preso à passadeira da calça, botei os óculos escuros, acendi um cigarro. Notei que o chão de terra batida estava úmido e um pouco amolecido. Um angustiante odor de fezes e bolor inundava as estreitas vielas. Nas portas de algumas casas cartazes de candidatos a pleitos políticos. Ali também uma pequena igreja evangélica pintada de verde com a designação feita à mão em tinta óleo. Cheguei numa pequena praça, havia caminhado uns vinte minutos, e não vira nenhuma placa de sinalização.

“Idiota”, falei para mim mesmo olhando em volta. “Aqui o pessoal não tem sequer luz elétrica formal, água, esgoto!”, e olhei o amontoado de fios no alto das residências. Duas crianças nuas brincavam com um gato esquelético.

Um homem barbudo, vendedor ambulante, passava segurando numa mão uma caixa de isopor, na outra, duas latas: uma de refrigerante e outra de cerveja. Pedi um refrigerante.

“O senhor conhece a Avenida Santo Antônio?”, perguntei limpando o suor que escorria pela testa e entregando-lhe o dinheiro.

“O distinto tá vendo aquele terreiro de macumba ali atrás daquele poste?”, falou o homem bem alto devido ao hábito de seu ofício.

“Estou”, falei já arrependido, pois o homem fazia um escândalo ao falar. Notei que uma mulher botou a cabeça pra fora da janela de seu barraco.

“Fica atrás. O senhor pega essa rua aqui em frente, dá a volta e chega lá.”

“Obrigado.”

A avenida estava indicada por uma plaquinha de madeira no alto de um poste de ferro. Tive que passar por uma viela mais obscura que todas as outras. Na porta de um barraco jazia estendido um velho colchão exalando um forte cheiro de urina. Estava sobre um tonel revestido de cimento. Uma criança chorava. Meu sapato de bico quadrado ficou coberto de lama. Senti que um mosquito me havia picado no pescoço. Logo no início da Avenida Santo Antônio havia uma vendola de cachaça, biscoitos e refrigerantes.

“A senhora pode me informar onde é a casa de dona Ermenegilda?”, perguntei a uma jovem moça que arrumava algumas garrafas em cima dum balcão revestido com fórmica vermelha quase que inteiramente carcomida pela ação do tempo.

“Ermenegilda?”, perguntou a moça sorrindo ternamente. Notei seus dentes perfeitos. Os cabelos presos num coque no

alto da cabeça, suas unhas pintadas com um esmalte incolor já descascando. Os seios rijos libertos de qualquer prisão pareciam querer furar a blusa de malha branca que vestia.

“Essa mesma”, falei sorrindo também me insinuando.

“Nesse mesmo lado, três casas depois. Tem uma cruz de folhas na porta. Pode bater com força que ela só fica no fundo lavando roupa.”

Agradei sorrindo e piscando os olhos para a jovem mulher, que debruçou no balcão, e quando dei as costas senti que ela me observava.

A humilde casa ficava espremida entre uma pequena porta onde havia inscrito “vendo uma geladeira” e outra com uma janela gradeada.

Bati com força e só na quarta vez alguém veio atender. Abriu a porta uma negra com olhos vermelhos. Estava com o braço esquerdo enfaixado.

“Dona Ermenegilda?”, perguntei.

“Sou eu mesma. Olha moço eu não tenho gato nenhum em meu barraco, tô vivendo de *candieiro*”, ela falou desconfiada.

“Não é nada disso”, falei baixando o tom da voz “vim pra falar com a senhora sobre a criança”, e olhei para dentro do casebre na direção de uma pequena cama de solteiro onde uma criança debatia-se em choro convulsivo.

“Ah, pode entrar, não repare a bagunça”, disse a mulher olhando para um lado e outro da rua antes de fechar a porta. “Olhe moço, eu só tô fazendo isso pela precisão, que eu acho isso uma coisa horrível pra uma mãe fazer com um filho, mas é pela precisão.”

“A senhora pode ficar despreocupada que eu não vim para lhe julgar. Quem julga é... A criança é essa?”, perguntei apontando a recém-nascida que havia carregado no colo.

“De jeito nenhum, minha menina eu não faço uma coisa dessas não, é o outro que tá dormindo aí atrás do senhor.”

Virei assustado. Notei que no pequeno tamborete em que havia me sentado, uma velha cortina amarelada dividia o vão em dois. Abri ansioso a cortina e pude ver uma criança aparentando dois anos adormecida sobre uma cama.

“Tem quantos anos?”, perguntei.

“Quatro vai fazer”, respondeu a mulher puxando um dos seios por baixo da blusa preta que vestia e dando à criança. “Olhe seu moço, eu só vou fazer isso com Carlinhos porque sei que ele vai se dar de bem no estrangeiro, fiquei sabendo que esse pessoal branquelo gosta dos menino preto e pagam direitinho. Só faço isso pela precisão, senão não ia vender o menino não, de jeito nenhum. Moço, ele vai ser bem tratado mesmo?”

“Sim, vai ser bem tratado, eu garanto”, respondi com a voz vacilante, e cheia de dúvidas com respeito ao que acabara de dizer à pobre mulher.

“Quanto é?”, perguntou ela aproximando-se após colocar a filha na pequena cama, adormecida.

“Quanto é o quê?”, perguntei.

A mulher me olhou assustada.

“Quanto é que o senhor quer dar pelo menino?”

“Ah, sim... cinco mil.”

“Nossa mãe... mas é muito dinheiro...” ela olhou para a filha que dormia inocente. “Quem é que tem tanto dinheiro assim para dar tanto por um menino pobre?”

“Não interessa. A senhora vai aceitar ou não?”, perguntei impondo autoridade.

Na volta olhei em direção ao boteco. A moça ainda estava lá, e sorriu para mim. Aproximei-me.

“Está lendo?”, perguntei ao ver que ela segurava um livro.

“Não, é o caderno que a gente anota os fiados.”

“Nós? Nós quem?”

“Eu e minha avó. Meu pai tá no hospital muito doente. Bebe desde que era menino.”

“Sua avó está em casa?”

“Está sim. E o senhor?”

“Me chame de você, o senhor tá no céu”, falei interrompendo.

“Você... você mora com alguém?”

“Moro sim.”

“É casado?”

“Moro com meu trompete e minha vitrola.”

“Trompete?”

“Sim, sou músico profissional. Mas a coisa tá dura, nessa terra de analfabetos pouca gente dá valor ao que faço.”

“Eu gostaria de ouvir o se... você tocar...”

“Pede a sua avó pra tomar conta do boteco.”

“Pode esperar lá na entrada? Daqui a meia hora eu passo por lá.”

“Está bem. Daqui a meia hora. Se passar disso vou embora”, falei fazendo charme.

Ela surgiu trajando saia longa e uma blusa de tricô cinza, seus cabelos agora estavam soltos arrumados com uma tiara de veludo marrom.

Para impressionar peguei um táxi.

Na Igreja Cristã Jesus Salvador as obreiras limpavam o pequeno templo. Uma mulher distribuía panfletos a quem passava. Quando me viu recuou. Escutei quando ela falou “tá amarrado”.

Senti um pouco de vergonha por causa da bagunça. Roupas espalhadas pelos móveis, pratos e panelas sujos na

pia. Mandeí que ela sentasse. Apanhei uma garrafa de vinho que estava pela metade. Tomamos olhando um para o outro.

“Você não vai tocar pra eu ver?”, ela perguntou.

Peguei o instrumento musical. Pus em cima da mesa. Tirei toda a roupa.

“Não se assuste, em casa só toco nu.”

Subi numa cadeira e comecei a tocar *Mack the knife* de Kurt Weill e Bertolt Brecht e Blitzstein. Em seguida iniciei *A Kiss To Build A Dream on*, de Kalmar e Ruby. Não estava no meio desta canção quando ela levantou-se e começou a chupar meu pau. Não precisou curvar-se, pois além de eu estar num plano alto ela era baixinha.

Começou a despir-se. Parei de tocar. Sua vagina estava bastante úmida e apesar de apertada não tive dificuldade em penetrá-la.

Seu gozo foi seguido de palavras chulas em meu ouvido e arranhões em minhas costas. Acendi um cigarro. Notei que ela começara a chorar.

“O que foi? Não gostou?”, perguntei curioso.

“Sim.”

“Então, por que está chorando?”, perguntei paciente.

“É que sou uma boba sonhadora. E você parece tão bom que... eu queria te pedir uma coisa.”

Por um momento pensei que ela queria dinheiro. Pensei nos dólares que guardava para a viagem.

“Me deixa vir morar aqui com você. Eu não vou dar trabalho”, falou baixinho em tom suplicante entre soluços. Deixa eu ser sua mulher, não importa se você tiver outras, não importa, eu fico o tempo todo aqui dentro de casa. “Contanto que você toque de vez em quando para mim e a gente foda como agora...”

“Eu estou me mudando”, falei pensando na viagem.

“Me leva com você.”

“Está bem”, disse tentando parecer verdade o que eu dizia, “eu te levo comigo.”

“Obrigada.”

“Como é o seu nome?”

“Vanessa”, ela disse pousando a cabeça sobre meu peito e adormecendo em seguida.

Fiquei olhando o ventilador no teto girando lentamente. Aquela imagem-clichê me deixou sonolento.

Quando acordei Vanessa estava sentada frente a mim. Um cheiro de comida me fez olhar em volta: a casa estava toda em ordem e na mesa um lauto café da manhã, suco, queijo, torradas, pão, leite, iogurte e frutas.

“Onde arrumou dinheiro pra comprar tudo isso?”, perguntei pondo um pouco de suco num copo.

“Eu trouxe de casa”, ela respondeu e me abraçou. Sentamos e comemos.

“Quando é que você vai me buscar?”, ela indagou ansiosa.

“Semana que vem talvez terça ou quarta-feira.”

“Eu vou deixar tudo arrumado, não se preocupe que minha avó não vai saber de nada. Minha tia vai cuidar dela.”

“Tia, que tia? Você não me falou em tia nenhuma.”

“É que fiquei te olhando admirada e esqueci. Minha tia Ermenegilda que você estava procurando... ela não se dá bem com papai e por isso mora numa casa separada com os meninos. Minha avó disse que assim que meu pai morrer ela vai chamar tia Ermê de volta pra morar com a gente, quer dizer, com ela, já que eu vou tá morando com você.”

Vanessa e eu nos despedimos numa praça ajardinada que havia próximo de minha casa. De longe vi quando ela tomou

o ônibus para casa, e eu tive pena dela. Eu nunca mais a veria. Nem ela a mim. Cheguei em casa, tirei a roupa, peguei o trompete e toquei *This Year's Kisses*, do J. Berlin, que peguei de ouvido duma gravação na voz única de Billie Holiday. Antes de terminar a música notei um envelope próximo à porta, no chão. Lembrei que alguém o colocara por baixo da porta e eu esqueci de pegar. Apanhei a correspondência e fiquei extasiado de alegria com o que li. Finalmente eu era convidado para participar do festival anual de free jazz que acontecia em Garmish-Partenkirchen, na Alemanha.

Com o dinheiro da venda da criança eu poderia abrir um pequeno galthof. Era a glória!

A entrega da criança foi feita no terceiro andar de um edifício garagem na Avenida da França, no Comércio, Cidade Baixa. Ermenegilda não quis se despedir. Quando eu lhe telefonei e ela me disse que eu deixasse o dinheiro sobre o tamborete em que havia me sentado na primeira vez em que estive em sua casa. A porta estaria aberta, eu chegasse bem cedo, ninguém notaria. Olhei a vendola de Vanessa: fechada. O dia mal tinha raiado naquela quinta feira chuvosa. A criança dormia.

“Ninguém vai fazer mal a ele, vai?”, perguntou Ermenegilda saindo de um desvão da casa. Com o susto eu quase gritei. Pus as mãos tapando a boca e respirei fundo.

“Está maluca?”, perguntei furioso.

“Desculpe moço, é que decidi me despedir do menino.”

Apanhou a criança, faz-lhe um carinho na face e me entregou. Entreguei-lhe um envelope bojudado de dinheiro. Moeda brasileira, se fosse em dólar não faria todo aquele volume. A mulher agradeceu e pôs o dinheiro entre os seios, pela gola da blusa. Cobri a criança com uma capa, saí deixando a porta entreaberta.

Na entrada do edifício a criança acordou e para minha surpresa ficou em silêncio. Por um momento até sorriu pra mim, e pude ver quatro dentes alvíssimos. Parecia se habituar a pessoas estranhas. Pousou a cabeça em meu ombro. Entrei no carro e fui tomado de um pânico terrível. Um homem forte, de pele avermelhada, com um bigode imenso que quase tocava as orelhas estava ao lado dela.

“Mas o que significa isso? Vocês são da polícia?”, perguntei aterrorizado.

“Não é nada disso, Von Price é quem cuida da grana e faz o contato com os gringos.”

“Mas você me disse que...”

“Que ele estava me seguindo? É um teste que a gente sempre faz com os novatos. Só leve a sério a incineração do envelope com as instruções”, ela disse sem me olhar. Em seguida chamou a criança para si, que foi imediatamente. O Von Price abriu a boca de Carlinhos e averiguou seus dentes. Depois puxou uma sacola plástica de dentro do porta-luvas do carro e me entregou. Identifiquei a voz de Maria Callas no disco que ela acabara de colocar. Conferi as notas arrumadas em quatro maços: vinte mil dólares.

“Daqui a três meses você vai negociar as outras crianças cujas fotos estão em seu poder?”, perguntou Von Price seca e pausadamente no banco da frente.

“Sim” falei sentindo o odor que o dinheiro exalava “eu vou negociar as outras crianças. Como é o seu nome?”, perguntei dirigindo-me à mulher.

“Para que você quer saber?”, perguntou investigativa.

“Nada, curiosidade, é estranho eu trabalhar para você e... Deixa pra lá, até a próxima”, falei saindo do carro, após Von

Price ter me dado passagem. “A propósito, onde mora o casal que irá adotar a criança?”

Ela parou com a boca aberta, o fôlego suspenso, a resposta na ponta da língua, olhou na direção de Price, que tinha saído do carro e acendera um cigarro.

“Inglaterra. Londres”, respondeu e a criança começou a chorar, como se tivesse entendido a conversa. “Fiquei tranquilo, entraremos em contato com você.”

Tencionava fazer um Tour pelo Brasil pesquisando ritmos musicais, um país tão vasto e tão rico em sua cultura faria bem a um músico desiludido como eu, mas quis o destino ou sei lá o quê que eu fosse escolhido para participar do festival na Alemanha. Deixei a maior parte das roupas em casa. Arrumei apenas uma mala com cuecas, escova de dente, lenços, calças e camisas. Apenas um sapato, o que eu estava calçado. Na outra mão levaria meu trompete. Dava adeus à vitrola quando o telefone tocou.

“Está tudo bem?”, era ela, a voz sensual como sempre.

“Sim, tudo bem, algum problema?”

“Não. Acabamos de entregar a criança ao casal de médicos aqui em São Paulo. Eles já embarcaram rumo a Londres.”

“Médicos?”, perguntei apertando os pistões do trompete.

“Sim... a história de adoção é para suavizar a coisa, para dar um aspecto mais familiar e tranquilo. Pensei que você fosse mais esperto, as pessoas me surpreendem. Mas não se aflija, a criança não vai sentir dor, os doutores são especialistas.”

“Peraí... Sentir dor?”, perguntei aflito. “Isso não estava no acordo que fizemos você não me disse que...”

“Eu disse o essencial para você fazer a sua parte. A criança estará sedada, não se pode extrair seus órgãos se não estiver

sedada. Agora fique tranquilo e não tente fazer nenhuma besteira, eles te pegam debaixo da cama, se for possível e praticam torturas inimagináveis.”

Desligou com a mesma inflexão de voz de sempre, sem nunca se alterar ou se envolver. Meu peito estava comprimido. Deitei no sofá e fiquei olhando o ventilador parado por mais de duas horas. Em seguida levantei e saí. Os fiéis desesperados da Igreja Cristã Jesus Salvador Chegavam apressados. Nuvens negras encobriram o céu da cidade. Uma senhora segurando uma bíblia esbarrou-se comigo e continuou andando. Chamei um táxi e pedi ao motorista que ficasse dando voltas pelo bairro. Lembrei de Vanessa. Não consegui chorar, nunca consegui chorar, nem no enterro da minha mãe. Na poltrona do avião acordei em pânico. Fiquei um bom tempo observando a paisagem pela janela.

Novamente as imagens vieram em minha mente. Quando dei por mim estava no inferno de fogo. Labaredas gigantes, partituras incandescentes. Carlinhos tocava um trompete em chamas. O diabo tinha a cara do Pastor João e ria para mim enquanto regia uma orquestra de pessoas em chamas.

Desde então convivo com esses pensamentos fumegantes.

O abismo do primeiro andar

Ai como soffro! Pulguinha nervosa do primeiro andar, no prédio velho e suburbano; todo dia o vejo passar, jeans apertadinho, camiseta preta, com marra de roqueiro, ai como eu soffro, como palpita meu coração, parece que vai explodir o peito. Se ele sorri por algo, eis o encanto da vida, se ele caminha triste, me desgraço imaginando o motivo. Se alguém fez maldade com ele eu não mato o desgraçado? Uma vez olhou pra cima, quase morri, as pernas tremeram, a cara ficou sem sangue, quase tive um ataque, fiquei sem ar e roguei à santinha no altar do quartinho para que me ajudasse que eu era uma pobre alma encantada velha e apaixonada. Oh, bicha velha, não percebe que o meninão jamais te dará bola?

Pouco importa, meus olhinhos vermelhos se enchem de júbilo ao vê-lo passar com a sacola a tiracolo, com o tênis sujo e o cabelo encaracolado. Noutro dia foi ao barbeiro na galeria do prédio. Desci feito um louco. Praticamente tirei toda a sobancelha; seu Guigui, o barbeiro machista, me tolera porque diz que sou limpo, que sou gente fina. Mas naquele dia eu nem quis saber se já tinha feito ou não a sobancelha, queria estar no mesmo lugar do meninão, ai que frisson, que frio na barriga e na espinha quando ele me olhou e sorriu quando dei bom dia a todos. Coisa assim eu só senti quando beijei pela primeira vez, nos anos bons da adolescência, quando papai chegava bêbado e espancava a mim e minha mãe, que Deus a tenha. Pensei o que seria de mim perdida no mundo, pobre criança desgraça, anjinho de asa quebrada sujando as peninhas na lama da cidade grande. Ui, que ele me olhou pelo espelho, minha perna direita que não para de balançar. Para

esse mal não faz mais efeito o remédio, só aprofunda a ferida no velho estômago que me consome todas as noites, queimando bem no centro, brasa viva nas entranhas.

Ele corta o cabelo, tira o pouco da barba que tem, mas deixa a barbicha rala no queixo, pede pedra-ume, acho tão macho e tão romântico ele pedindo pra passar a pedra-ume no rosto tão delicado, parece uma porcelana, vivo cristal, a face jovial de Deus, a face do Diabo entre as pernas, o rosto mais denodado, boca mais carnuda, o nariz, oh Senhor!, fina torre de marfim, lábios tal e qual um corte de carne fina. Desajeitado, se esbarra em mim na saída. Quase morro, fiquei sem ar.

Espero o amanhã.

Acordo cedo.

Me debruço no parapeito, ele demora a passar, será que não vai ao colégio hoje? Barata tonta, aflita passei a noite, ridícula, sentindo amor de novo, virando de um lado pra outro, arfante, imersa em sonhos, ilusões, com o peito sofrendo em calor, banhada em suor, me imaginando em seus braços. Sonhar custa muito, custa caro, mas é o maior tesouro, esse ninguém me tira, nem bandido, nem amante de mentira, interesseiro, aproveitador.

Sono que não vem, que não me pega.

De um lado para outro; Deus tem piedade.

Bicha velha, pareço um adolescente, caí no prazer solitário, quanto tempo! Ele durinho feito pedra, nem lembrava mais! Mal amanhece e eu me levanto sobressaltado, grudado, paixão que envenena que me domina qual feitiço. Depois de hora, ele vem vindo, calmo, passando as mãos pelos cabelos, de casaco marrom, all star preto, a barra da calça desfiada, óculos escuros que tira e prende na cabeça, entre os cabelos

desgrenhados; suspende a camisa e coça a barriga, mar de cetim; discreto umbigo, pérola escondida da concha lisa; é o demônio diáfano aqueles pelos que alcançam já o umbigo; ele boceja, ele limpa o cantinho da boca, ele tira meleca do nariz, nele tudo é perfeito. Não olha para cima; claro que não, tolinha, pensa que por causa de um olhar e um sorriso na barbearia do machista Guigui já estão namorando, de noivado em curso, de casamento marcado?

Que diriam suas amigas da repartição? Gargalhadas em sua cara, ridículo funcionário velho, perto da aposentadoria, veado comedido e discreto, sem namorados, sem amantes, sem companheiro a lhe esquentar os pés debaixo do lençol em dia de frio; ponto de referência nos corredores; enredo eterno de piadas sujas, escória. Que diriam de ti, ó maluquete perdida de amor pelo meninão? Que direito você tem maluquete? Ou pensa que Deus tá lembrado de ti? Que Ele perde Seu precioso tempo com tua paixonite disparatada? Melhor tratar da calvície que desponta coroando tua antiga vasta cabeleira! Invejosas, monte de invejosas nunca encontraram o amor. Estranho, ele senta no banco da praça; a rui-va se aproxima e lhe beija a boca; bolsa a tiracolo, caderno nas mãos pequenas; horas de agarramento, risinhos e beijos quentes, amassos indiscretos. Que será de mim, envenenada de paixão? Que será de mim, minhoca enterrada no monte de sal? Já subo pra cobertura, a máquina do elevador voltou a funcionar. Único patrimônio, o apartamento simples do subúrbio. O primeiro andar, balcão de Romeu e Julieta, que espera o amado que nunca virá. O mármore do para-peito está sempre solto. Respiro fundo, encho o peito, olho para baixo, não os vejo debaixo das copas das árvores floridas;

num impulso, ponho o corpo magro para frente; retorno: não tenho coragem. E se me arrepender no meio do caminho sem volta?

Agora me deito na velha cama; não paro de pensar no meninão; não consigo sequer chorar; a brasa viva queima no estômago; olho para a imagem da santinha, que me olha e não me vê.



PROVA

Chá com jeová, café com olorun

Daqui de cima eu olho e lembro que vocês não sabem que eu criei a morte. A morte aparece sempre que pode: uma criança sem sexo, dentes podres, sentada ao chão vendo TV. Assim é a morte. Disso vocês não conseguem escapar. Ainda. Porque precisam.

Era tudo tão belo. Daqui de cima eu olhava e sentia contentamento. Mas lhe dei o poder da decisão. A escolha entre isso ou aquilo ou aquilo outro. Eu sou o Verbo. Vocês a decisão. Eu sou o começo e o fim. Vocês preenchem o meio. Eu não falo mais nada. Vocês me dizem tudo. Aos gritos. Aos berros, em seus belos idiomas. As vezes consigo me assombrar com vossas dúvidas. Sim. Fico pasmado e nu diante de vossas dúvidas e de vossas grandes certezas.

Por todos os séculos eu tive a impressão de que a minha invenção encarnada era não mais que um delírio materializado de vossos sentimentos. Até que mandei um mensageiro após o outro. E mandei um filho para lhes dizer apenas uma palavra. E me debruço a compreender como se debatem ao tentar entende-la e praticar as ações de uma decisão acertada. Não projetam em mim vossas ações e escolhas. Não reproduzo em vós o meu brilho. Apenas uma sombra pálida do que seria.

E poetiza-se a parafernália humana
A coisa que produz as coisas dentro da coisa
É um querer com descontentamento isso de vós.
É um querer sem saber o que se quer
Numa tarde ensopada de brilho do sol.
Eu as vezes tenho uma preguiça incômoda.

As vezes tenho um despudor alucinante por fazer coisa,
Por criar em mim algo que revele o melhor do próximo.

Ontem. Ainda ontem eu era uma criança que via desenhos animados numa TV sem cores. E eram tão animados. E era tão animado o mundo. E o é.

Era com esses pensamentos que ela estava na cabeça. Apontamentos para um texto para teatro. Um puta pensamento torto após uma trepada morna. Uma chatice. Se pudesse se desligaria da vida ali mesmo sentada no banco do ônibus. Porra, ela pensava. Se pude me atirava por essa janela. Que se fodam todos. Que se foda tudo. Ela precisava se amar. Nem o prêmio de melhor atriz a aliviava do vazio que sentia. Queria mesmo deitar no chão do coletivo e acordar dali a uma semana ou mais. Pensava no baseado que tinha em casa, um único baseado para aliviar aquela tensão que sentia. Começara a chover. Pelo menos isso: ela adorava os dias de chuva. Eles aplacavam um pouco o calorão que sentia. Aproveitou que a mocinha estava de costas para contrair a própria boceta intumescida. E ficou alguns minutos olhando para a moça de costas com cabelos crespos presos por um anel de metal, desses que seguram chaves. Como conseguiu passar aquela farta cabeleira por ali? E lembrou a passagem bíblica que sua mãe gostava de citar quando era criança. Uma passagem sobre um homem rico e um camelo. Por onde iria aquela garota? Vinha da escola ou do trabalho? Será que se prostituía? Ou não: estava pronta para seu primeiro encontro amoroso. Ela não se lembrara do primeiro. O seu. Não, lembrou-se que foi deflorada ali em pé atrás de um carro velho em um ferro velho. Ferro velho. Tentara lembrar-se do pau do garoto que era mais jovem que ela.

Não conseguia. Olhou novamente a moça que estava em pé olhando a paisagem que passava diante dos olhos do coletivo. Desceu entediada.

Que sede intensa. Pôs a língua para fora para sentir algumas gotas de chuva. Estava com a porra da sombrinha, odiava aquele objeto. Quem teria inventado aquela porra?, pensou. Alguém com um desprazer imenso pela vida e pelo prazer de se sentir na chuva. Certamente. Como ela. Como ela mesma sentia aquele gosto seco e amargo de desprazer pela vida. Mas preferiu sentar-se para um chá mate com limão bem no centro da cidade. A multidão nervosa caminhava em busca de não sei o quê. Um desespero medroso de vida. Um arremedo de natureza. Sem padrões. Melhor: um único padrão: ira. Ir-se e pronto, que tudo o mais fique para trás. Tudo e todos. Pois nada importa. Como estava cansada. Contraiu novamente a boceta que ainda estava molhada. Saíra de lá tão rápido que nem teve tempo de lavar-se. Mas era assim que gostava: um pouco do homem ainda dentro dela. Passou as mãos suadas pela cara molhada. Passou uma das mãos pelo cabelo crespo e solto. Passou a mão esquerda nos dois olhos como que tentando corrigir alguma imperfeição do rímel.

Os dois velhos conversavam. A atendente trouxe o chá gelado. Gelado como sua vida insossa. Queria sempre algo que sentia estar faltando. Os dois velhos. Um negro de boina marrom e um branco de boina verde musgo. Ou seria apenas um verde escuro? Que queria com tanta classificação? E passou por sua cabeça que eram dois deuses. E se tramassem destruir tudo e todos? Não sorriam. Pareciam falar de algo exterior a eles mesmos. E se conspirassem contra a ordem

das coisas, contra os padrões universais e o equilíbrio de tudo o que há?

Bebeu de uma só vez metade do grande copo de chá. Desviou o olhar. Tinha o costume de observar as pessoas. Dois deuses disfarçados de frágeis velhinhos. Olhou as pintas nas mãos do branco. Observou um sinal grande ao lado do nariz do negro. Chamaram a atendente que correu para a mesa deles sem muita paciência. Que fazia ali aquela mulher? Por que não mandava todos para a puta que os pariu e saía nua dançando pelas ruas apertadas do Centro? E assim gozava a vida plenamente? Ou era isso que ela queria? Romper com aquela barreira de covardia e medo imposta pelas regras que ela mesma sedimentava dia após dia? A atendente voltou com uma enorme bandeja de madeira com duas xícaras e duas torradas. Uma em cada pires. O velhinho branco mergulhou o saquinho na água quente. Ela pensara que aquilo era café. Mas então notou que seu café quem bebia era o velho negro ao colocar um pouco do açúcar do pote de vidro. Eles pareciam habituados naquele lugar. E se decidissem levantar e num só pequeno gesto pôr fim a toda aquela porra enervante que era a vida? O velho pegou um jornal e mostrou alguma notícia ao velho branco. Seriam casados? Ou viúvos? Ou solteiros convictos? Acomodou-se melhor na cadeira e já se sentia íntima dos dois. Não conseguia escutar o que diziam. Eles sorriam, mas ela não via seus dentes. Será que alguém esperava por eles em casa? Não, certamente viviam ali eternamente esperando o momento exato de derrubar as estruturas que nos sustentam. Ela estava feliz com aquela possibilidade. E pensou que seriam não dois, mas apenas um deus. Um refletia o outro. As duas faces

de uma mesma moeda. Mas por que dizimariam como tudo o que há? E pensou ser culpada por tudo?

Ajeitou-se mais uma vez na cadeira e contraiu a boceta novamente. Queria sentir o gosto do esperma daquele homem mais uma vez. Sentia-se nojenta por pensar essas coisas baixas diante de dois deuses – ou de apenas um em formato de dois. Se recompôs e entendeu que não tinha culpa de o mundo era assim. A vontade era dela de simplesmente sumir. Pois sua solidão crescia vertiginosamente por sua garganta. Que programa de TV eles gostavam de assistir? Ou seriam iguais a ela, sem televisão em casa? Sentiu um enorme desejo de ir até eles e pedir que destruam, por favor, destruam logo tudo o que existe e que recomecem do zero como dantes, a partir de uma pequena explosão e um feixe de luz. O divisor de águas. A evolução das coisas. Ou que... Não, preferiu parar de pensar e se concentrar nas técnicas respiratórias que aprendera dias atrás no ensaio de uma peça de teatro que não conseguira terminar. Alguém no balcão derrubou uma jarra. Que se espatifou com estrondo no chão. Aquele momento de alarde fez as respirações ficarem suspensas. Mas ora, aquilo não seria algo corriqueiro e previsível? Mas até o previsível seria motivo de suspensão da realidade para aquela criatura imóvel de sua própria existência.

Fingiu estar olhando os preços no cardápio, mas em realidade estava ouvindo os cacos de vidro serem recolhidos com pressa por algum funcionário. Teve tempo de escutar alguém ralhando. Certamente aquele objeto seria descontado do salário de alguém. E se os velhinhos deuses destruíssem apenas aquele café com tudo e todos? Inclusive ela? Não poderia sentir falta do que não saberia que não veria em futuro. Pois

estaria morta. Teria sumido do plano das existências concretas. Das matadores. Das donas de casa. Das escravizadas. Das exploradas. Das inconsequentes. Das viúvas tristes e amargas. Dos cemitérios. Das cartas de desabafo. Dos pedidos de desculpa. Dos reis e rainhas abarrotados de corrupção. Dos artistas medíocres como ela. Mas tinha aquela angústia por ter dúvida. Se seriam todos culpados. Ou todos vítimas de um plano celeste arquitetado por aqueles dois velhos que sorviam café e chá e tramavam a modalidade mais cruel e indescritível de destruir as existências.

Era isso: estava disposta a erguer-se e finalmente indagar o motivos daquele plano. Nesse momento a atendente ajeitava a toalha da mesa. Os deuses – era um deus de duas ou muitas faces – tinham desaparecido. Como não poderia deixar de ser. Tinham mais uma vez deixado de responder o misterioso segredo que ela tanto teimava descobrir. Lembrou-se do texto que precisava terminar para sua nova investida teatral. Textos desconexos. Olhou atônita para o fundo do copo. Restava mais um gole para terminar.

Como os dos deuses - ou *O Deus* -, ela não se decidia.

Este livro foi composto em Electra LT Std pelo
Grupo Multifoco e impresso em papel Póeln Bold 90 g/m².
